

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

CLASSES DE PALAVRAS E MODOS DE SIGNIFICAR EM “CARTAS DE LEITOR”

Lygia Maria Gonçalves Trouche (UFF)

Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências.

(AMOSSY, 2005, p. 9)

APRESENTAÇÃO

Esta comunicação pretende analisar, sob o ponto de vista da encenação discursiva (CHARAUDEAU, 1992) no gênero “carta de leitor”, os procedimentos linguísticos e discursivos da construção do sujeito e dos efeitos de sentido produzidos pela organização textual e gramatical.

Serão pesquisados os papéis discursivos do locutor em sua manifestação linguístico-discursiva. Especificamente, tomaremos como corpus de análise, nos textos de “carta de leitor”, as classes gramaticais segundo a função comunicativa (AZEREDO, 2002, p. 74) que desempenham e sua implicação na produção de sentido. Assim, identificaremos os seguintes modos de significar, que não são necessariamente excludentes entre si: designação, modificação, predicação, indicação.

A carta de leitor é um gênero textual que se organiza:

- i) em torno de um assunto que faz parte das pautas dos jornais;
- ii) por um estilo característico de uma comunicação “*in absentia*”;
- iii) em forma de paragrafação e limites de linha padronizados pelo jornal;
- iv) por um conjunto de ideias e opiniões de locutores que interagem diretamente com o veículo de comunicação.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Atualmente, a “carta de leitor” apresenta-se como um gênero bastante difundido e, até certo ponto, incentivado pelos meios de comunicação que buscam a interatividade com os leitores.

Dominar um gênero textual não se reduz a dominar determinadas formas de língua, mas sim a possibilidade de realizar, pela língua, objetivos específicos de comunicação, em situações sociais particulares. Logo, a adequada utilização dos gêneros textuais por parte dos falantes está firmemente estruturada na cultura, já que se trata de fenômenos sócio-históricos. Segundo Bronckart (1999, p. 103) “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que confirma objetivos de aquisição de competências discursivas por aprendizes de uma língua (estrangeira ou não).

Pode-se resumir o gênero “carta de leitor” como aquele em que se transmite uma mensagem a um interlocutor para dizer-lhe algo. É uma situação comunicativa em que os parceiros não estão face a face, mas mantêm suas identidades psicológicas e sociais. Segundo Charaudeau, esses parceiros estão envolvidos num contrato de comunicação que implica um ritual sociodiscursivo em que o eu-comunicante e o tu-interpretante devem conhecer seus papéis. Isso implica, ainda, que há um conjunto de liberdades e restrições, resultantes desse tipo de enunciação do ato de linguagem, com margem de manobra para o projeto de fala (atitude do eu-comunicante) e a construção de sua interpretação (atitude do tu-interpretante).

Entra, portanto, também em jogo a competência comunicativa que requer dos participantes da encenação, além do conhecimento de mundo partilhado (o conhecimento dos fatos relatados), a habilidade no uso da língua em registro adequado ao contexto (texto veiculado pela imprensa) – situação social dos participantes, os propósitos da interação (comentários e críticas sobre acontecimentos de domínio público), normas e convenções linguístico-discursivas do gênero textual, para a criação dos sentidos que se deseja. Portanto, o texto do gênero carta deve apresentar os traços linguísticos que permitam identificar o remetente (enunciador) [o modo como se manifesta discursivamente como locutor] e o destinatário [uso do vocativo e dos pronomes de referência]; a intencionalidade do remetente; os efeitos de sentido construídos para a persuasão ou manipulação do destina-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

tário (leitor); a predominância do tipo textual. O gênero carta (em sentido amplo) permite uma variedade de finalidades: pedido, apresentação, conselho, informações, críticas, comentários, agradecimento, notícias familiares entre tantas outras.

1. Texto: produto da atividade discursiva

Começemos por conceituar texto como uma unidade construída por uma série de frases encadeadas sintática e semanticamente, sob a orientação de um tema, cumprindo uma finalidade comunicativa.

Segundo Koch (2003, p. 26), o texto apresenta-se como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos coenunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Devemos, desde logo, levar em conta também que do ponto de vista dos interlocutores (eu comunicante e tu interpretante) interagem três fatores para que a comunicação se realize: o conhecimento linguístico, o conhecimento de mundo e o conhecimento interacional (KOCH, 2003b, p. 32-33). O conhecimento linguístico corresponde ao domínio da competência gramatical que diz respeito às regras da linguagem, como a formação de palavras e de frases, à pronúncia, à ortografia, à semântica. Esta competência se centra diretamente na habilidade e no conhecimento necessários para a expressão adequada do sentido literal. O conhecimento de mundo corresponde, como já vimos, ao conhecimento do tipo declarativo (asserções a respeito dos fatos do mundo) e ao tipo episódico (modelos cognitivos adquiridos pela experiência na vida social). Com base nesses conhecimentos e em competências específicas, o falante pode formular hipóteses, estabelecer e perceber a coesão lexical, realizar inferências. O conhecimento sociointeracional se refere ao domínio das ações verbais que permitem a interação pela linguagem. Falamos, pois, de competência sociolinguística que corresponde ao uso adequado de expressões linguísticas aos diferentes contextos, isto é, à situação dos participantes, propósitos da interação, normas e convenções da interação, adequa-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ção entre significado e forma, significado e função comunicativa. Os três fatores: o conhecimento linguístico, o conhecimento de mundo e o conhecimento interacional levam à competência discursiva que corresponde ao modo como se combinam formas gramaticais e significado para a criação de textos de gêneros diferentes, de acordo com a situação específica de comunicação. Em nosso enfoque, para que a “carta do leitor” cumpra sua função social de local de exposição de críticas, comentários, e pontos de vista do cidadão.

O texto é um produto da atividade discursiva. Isso implica entender que o sentido do texto resulta de uma atividade sociocomunicativa entre interlocutores. O ato de comunicação (CHARAUDEAU, 1992, p. 634)¹⁹ é um dispositivo composto de um sujeito falante (locutor na fala ou na escrita) e de um interlocutor que mantêm entre si uma relação para a produção dos sentidos. Os componentes que entram no jogo comunicativo podem assim ser resumidos:

a) situação de comunicação que engloba o aspecto físico e mental em que se encontram os parceiros da troca linguageira, os quais, por sua vez, são determinados por uma identidade psicológica e social.

b) modos de organização do discurso que constituem os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: enunciar, descrever, narrar e argumentar;

c) língua que constitui o material verbal (forma e sentido);

d) texto que representa o resultado material do ato de comunicação, afetado pelas imposições da situação.

Comunicar, como se sabe, é uma tarefa complexa, já que não se trata apenas de se transmitir uma informação entre interlocutores, como se a linguagem fosse o reflexo do pensamento. A comunicação resulta de um processo de produção de linguagem, tanto do ponto de vista de sua concepção, como de sua compreensão.

Um texto, para cumprir sua função social, sempre dialoga com outros textos recorrentes em dada sociedade. Assim, a remissão frequentemente se faz a “conteúdos de consciência” (Ingedore, 2000) guardados na memória do interlocutor que, a partir de “pistas” en-

¹⁹ Além da edição francesa citada, há uma edição em língua portuguesa que abrange grande parte da teoria semiolinguística de Charaudeau (Cf. CHARAUDEAU, 2008).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

contradas na superfície textual, são (re)ativadas, via inferenciação. Por inferência entende-se, de modo simples, a capacidade que possui o interlocutor de tornar explícito o que está implícito. Para tanto, além de conhecimentos linguísticos, requer-se do interlocutor a “leitura” das redes de intertextualidade, da situacionalidade, da informatividade e da pragmática.

O processo de inferenciação se dá com base no conhecimento de mundo (ou saber enciclopédico) e nas práticas sociais compartilhadas. Nas cartas de leitores, o processo de inferenciação reveste-se de um importante fator de produção de sentido, já que o “eu comunicante”, em busca de adesão, parte do pressuposto de que o “tu interpretante” conhece o assunto em discussão. Assim, com ancoragem nos comentários feitos, opera-se a progressão textual através da introdução de informação nova, estabelecendo-se as relações de sentido.

A relação entre informação textualmente expressa e conhecimentos prévios e/ou partilhados pode ser evidenciada, levando-se em conta a intertextualidade, a situação comunicativa e todo o contexto sociocultural.

2. Funções comunicativas e semânticas das classes de palavras nas “cartas de leitor”

O estudo das funções comunicativas e semânticas do emprego das classes de palavras na formação dos sintagmas facilita o trabalho de compreensão e de interpretação do texto. O estudo dos termos adjacentes ao núcleo referencial (função substantiva) revela efeitos de sentido e encaminha determina da visão de mundo. Enquanto o substantivo, núcleo do sintagma nominal, designa os seres do mundo, simbolizando nossa experiência da realidade, os termos adjacentes ou determinantes particularizam essa experiência, expressando pensamentos, juízos de valor, enfim, formalizam uma visão de mundo. Trata-se de adjetivos que “particularizam” o sentido do substantivo e dos quantitativos que evidenciam determinadas particularidades, para a produção de sentidos desejados. Assim se expressa Azeredo (2002, p. 75):

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Para verbalizar essas particularidades ou características valemo-nos de palavras que “modificam” o conceito, ou melhor, palavras que expressam os “modos de existência” dos conceitos. Essas palavras são tradicionalmente conhecidas como adjetivos.

Essas palavras têm grande importância na estruturação do sintagma, já que são elas que encaminham determinados efeitos de sentido e concretizam posições discursivas. Portanto, o estudo sistemático do comportamento de tais palavras pode favorecer a compreensão e a interpretação do texto, colaborando na aprendizagem da língua portuguesa como estrangeira ou como materna.

A função predicativa, exercida pelo verbo, permite ao homem expressar raciocínios, formalizar pensamentos e opinar (“pronunciar-se”) sobre o mundo já simbolizado pelo processo de designação. “O ato de predicar constitui ordinariamente uma declaração sobre um conceito, e só é possível graças ao verbo”. (AZEREDO, 2002, p. 75)

Em situações discursivas em que predominam as funções emotiva e conativa como forma de busca de adesão à determinada orientação discursiva, observa-se a condensação – propriedade da língua de resumir, em palavras, conteúdos oracionais. São exemplos de condensação as interjeições e os advérbios *sim* e *não* (como confirmação ou rejeição de ideias do interlocutor.)

Observemos o comportamento das classes de palavras nas seguintes “carta de leitor”:

2.1. ‘Esse é o cara’

Não nos enganemos com o deslumbre dos líderes do G-20 com Lula. Eles sabem minuciosamente do mensalão, da associação PT-PMDB, do verdadeiro interesse das mil bolsas e do inchaço e aparelhamento do Estado. Conhecem as desgraças de educação, saúde e segurança comparáveis aos piores lugares da África. Quando Obama diz “Esse é o cara”, leia-se o cara que nos interessa. Paparicar Lula é a estratégia para mantê-lo somente preocupado com a popularidade, isto é, ficar como está e acenar que aprovam sua liderança num continente de enorme importância econômica habitado por Hugo Chávez, Rafael Corrêa e Evo Morales. O que temem é Lula tirar sua fantasia vermelha do armário e entrar nesse time como capitão arrastando o Brasil bolsista com ele.

OSWALDO L. CARREIRO (por e-mail.), Nova Friburgo, RJ *O Globo*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Na frase “eles sabem”, o pronome pessoal “eles” (a pessoa do plural a que o locutor se refere) retoma os líderes mundiais do G-20 que, segundo o ponto de vista do locutor, conhecem a corrupção e os problemas do Estado brasileiro. O locutor se apresenta como conhecedor indiscutível das estratégias discursivas dos líderes do G-20 e suas “reais” intenções em relação a Lula (em especial as do presidente Obama).

O locutor constrói seu discurso como alguém que sabe ler de modo crítico (consciente) a intenção dos elogios feitos a Lula e, por isso, precisa alertar os brasileiros quanto à honestidade de tais elogios.

Vejamos a construção linguística que permite a inferência desse significado:

a) DESIGNAÇÃO: esta função da linguagem corresponde ao processo de nomear (substantivos), isto é, de expressar um determinado conceito destacado da realidade. Pode-se dizer que a escolha lexical é motivada pelo projeto de fala do locutor, em outras palavras, os nomes criam os significados nos contextos em que são empregados.

A referência ao presidente Lula pela designação de “cara” – ” , uma forma de linguagem popular, aponta familiaridade e produz efeito de intimidade; logo, a escolha do substantivo indica uma clara intenção semântica; o uso de “mensalão”, um substantivo criado com base no sufixo “-ão” que, no contexto, possui valor afetivo pejorativo (um pagamento ilícito) compõe com outras palavras e seus adjetivos determinantes uma enumeração de males que afetam o governo. Por exemplo: associação PT-PMDB, verdadeiro interesse das mil bolsas, inchaço e aparelhamento do estado.

b) INDICAÇÃO: corresponde aos procedimentos de dêixis (indicação ao mundo extraverbal) e anáfora (referente do próprio texto) exercida pelos pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e relativos.

O título da carta “*Esse é o cara*” (ressignificação do discurso reportado) já aponta o sentido irônico do texto. O pronome demonstrativo “esse” situa-se no âmbito do interlocutor, isto é, a voz que enuncia coloca o referente (Lula) em posição de destaque, próximo ao interlocutor.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

c) **PREDICAÇÃO**: corresponde ao processo de expressar-se sobre o mundo, formulando um pensamento, uma declaração sobre os conceitos; esta função é preenchida pelos verbos. Os modos verbais mostram “como aquilo que se diz é dito”.

Uso do (modo) imperativo negativo com valor de um alerta (Não nos enganemos) em relação à fala do presidente Obama (“Esse é o cara”) apresenta o pressuposto de que os brasileiros poderiam deixar-se enganar pelo elogio (cf. o advérbio de negação “não”). O uso do imperativo caracteriza a situação de comunicação em que o locutor deseja provocar uma atitude do interlocutor. É o modo da injunção, do pedido, da ordem, do conselho.

c) **MODIFICAÇÃO**: corresponde ao processo de modificar, de particularizar um conceito, um modo de existência no mundo. Os adjetivos e advérbios exercem essa função na linguagem.

O advérbio é uma classe de palavra que modifica, isto é, acrescenta significados à predicação (exercida pelo verbo).

Emprego do advérbio “minuciosamente” (formado pelo adjetivo “minucioso”) com valor de intensificação do “saber” dos líderes do G-20 a respeito da situação do Brasil; emprego do advérbio “somente” (“para mantê-lo somente preocupado”) com valor de exclusividade em determinado foco de sentido.

Emprego de adjetivos de sentido subjetivo: “verdadeiro; comparáveis; piores; enorme; econômica”; oração adjetiva “que nos interessa” – palavras que caracterizam os nomes, acrescentando valores semânticos de que o locutor se vale para sua orientação argumentativa de crítica ao presidente Lula e de desfazer a ideia de elogio na fala do presidente Obama.

A expressão “Brasil bolsista” em que a designação ‘Brasil’ vem modificada por um adjetivo que remete à política do governo de distribuição de bolsas com diversas finalidades.

Observem-se, ainda, as seguintes escolhas vocabulares e de expressões:

1) “fantasia vermelha”, em que o substantivo “fantasia” (sentido de algo sem ligação com a realidade) e o adjetivo “vermelha” (

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

cor ligada aos partidos de esquerda) implica conotação irônica sobre a posição política de Lula;

2) “tirar do armário”, pelo sentido popular, a expressão indica “deixar vir à tona o que está disfarçado”; “entrar no time” (dos presidentes populistas/esquerdistas da América do Sul).

A linguagem figurada também remete ao domínio esportivo, retomando metáforas frequentemente empregadas por Lula.

D) QUANTIFICAÇÃO: corresponde ao processo de percepção de particularidades dos objetos e dos seres integrados em um contexto. A marca de plural, os afixos, os advérbios, os pronomes indefinidos e os numerais expressam a quantificação.

No texto em estudo, encontramos o uso de sufixos com valor aumentativo –ão e –aço com valor pejorativo: mensalão e inchaço.

Também o emprego do numeral “mil” e do plural “bolsas” para quantificar a distribuição excessiva de bolsas pelo governo brasileiro.

2.2. Votações

Quanto às votações no Senado, hoje, só posso dizer uma palavra: vergonha.

Adelina Vianna Braga
(por e-mail, 19/08), Rio. *O Globo*

a) DESIGNAÇÃO: esta “carta de leitor”, bastante sintética, quase se reduz aos nomes, porque mantém seu foco na expressão de ‘fatos’ do mundo. A nominalização “votações”, seguida de um caracterizador (“no Senado”) essencial à compreensão do texto já comunica e aponta de quem se fala.

O substantivo “palavra” ganha conotação de ‘opinião’ que vai-se resumir em um único termo: “vergonha” que designa um conceito de valor negativo, de ultraje, de desonra. Como se registra no *Aurélio eletrônico*: ‘sentimento penoso causado pela inferioridade, indecência ou indignidade’. A palavra ‘vergonha’ resume, pois, a crítica que o locutor faz sobre o comportamento dos senadores na

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

votação que arquivou os processos contra o senador José Sarney (presidente do Senado).

b) **PREDICAÇÃO/MODIFICAÇÃO**: a locução verbal, pelo emprego do auxiliar modal ‘poder’, constrói o sentido de possibilidade de dizer (de exprimir, de enunciar) o pensamento sobre um acontecimento. Essa possibilidade vem modificada pelo emprego de dois advérbios: ‘hoje’ e ‘só’. Cada um contribuindo com a ideia de tempo e de exclusão, respectivamente. O advérbio ‘hoje’ marca com exatidão e ênfase a data em que o acontecimento se deu – nada seria mais importante no momento. O uso de ‘só’ ainda enfatiza a crítica feita pelo locutor que, por sua visão de mundo, não poderia dizer outra coisa, senão apontar a falta de ética na atitude dos senadores.

c) **QUANTIFICAÇÃO**: o emprego do numeral ‘uma’ quantifica e atualiza um valor semântico importante: não existe outra palavra para expressar a opinião sobre o assunto. Assim, além de quantificar, também restringe e produz um efeito de sentido de focalização da palavra ‘vergonha’.

3. Reflexões finais

Muitos outros aspectos não podem ser relegados no ato de comunicação, para a construção de sentido do texto, resultante de uma interação necessária entre os interlocutores. Segundo Charaudeau (2006, p. 67),

A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação. Como poderiam trocar palavras, influenciar-se, agredir-se, seduzir-se, se não existisse um quadro de referência?

A compreensão de texto, como atividade pedagógica, requer do professor sensibilidade, paciência e experiência como leitor, para que oriente seus alunos na direção de uma leitura mais abrangente que capte as entrelinhas.

Haverá muitas estratégias para o desenvolvimento do leitor crítico, mas nenhuma delas poderá prescindir dos aspectos que dizem respeito à enunciação dos textos. Um tratamento sistemático das questões de interpretação de texto deve considerar a situação de co-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

municação, os tipos e gêneros textuais, o registro de língua em sua adequação às finalidades do texto, os fatores de textualidade, o conhecimento de mundo. Assim, ficará evidente para o aluno que, para ler e interpretar um texto, há um instrumental teórico capaz de permitir-lhe uma abordagem adequada de análise.

O gênero textual “carta de leitor” constitui um material importante e adequado à análise da orientação discursiva do texto. Possui ainda a vantagem de tratar de assuntos do cotidiano e que dizem respeito à vida do cidadão. Desse modo, a análise das formas linguísticas, em especial das funções comunicativas e semânticas das classes de palavras, fica baseada no estudo de textos reais e a gramática pode ser percebida em seus recursos expressivos que situam textos em seus contextos, ressaltando a relação necessária entre a linguagem e o mundo. É imprescindível a percepção e a descrição desse quadro de referências, para que as trocas linguageiras se deem entre os interlocutores, de forma consciente.

BIBLIOGRAFIA

AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso*. A construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

AZREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC/PUC-SP, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 2002.

_____. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e discurso*. Modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003a.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003b.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

MARCUSHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO & MACHADO (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.